

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

O processo de formação da literatura brasileira, como adaptação da palavra culta do Ocidente, que precisou assumir novos matizes, desenvolveu-se para descrever e transfigurar a realidade nova. Do seu lado, a sociedade nascente desenvolveu sentimentos diversos e novas maneiras de ver o mundo, que resultaram em uma variante original da literatura portuguesa.

A história da literatura brasileira é, em grande parte, a história de uma imposição cultural que foi, aos poucos, gerando uma expressão literária diferente, embora em correlação estreita com os centros civilizadores da Europa.

Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 13 (com adaptações).

Com base no trecho acima, no qual Antonio Candido expõe a lógica histórico-literária segundo a qual se desenvolveu a literatura brasileira, e na dinâmica dos períodos literários brasileiros, julgue os itens a seguir.

- 81 No Romantismo, o esforço em se realizar uma literatura brasileira diferente da produzida nos centros culturais europeus atingiu seu ápice, quando a ideia da cor local se tornou verdadeira obsessão dos autores e foi colocada em prática, por exemplo, nas manifestações da prosa indianista e regionalista.
- 82 Segundo o texto, como se observa especialmente no primeiro parágrafo, a literatura é atemporal e universal; não sofre os impactos causados pelas transformações históricas, sociais e geográficas.
- 83 Considerando-se o progressivo amadurecimento da literatura brasileira aludido no texto, é correto afirmar que o Barroco literário é, no Brasil, o primeiro estilo de época fruto de deliberada organização programática de autores com o intuito de fundar uma literatura nacional.
- 84 Apesar das tendências universalistas do Arcadismo brasileiro, formulou-se, nesse período, de forma consistente, o que o autor, na penúltima linha do texto, chama de “expressão literária diferente”, especialmente se se consideram as obras de Claudio Manuel da Costa e Tomaz Antonio Gonzaga.

Ao final do século XIX, com a intensificação da dinâmica do mundo moderno, a literatura conheceu novas formulações estéticas da realidade. De acordo com Alfredo Bosi, em **História Concisa da Literatura Brasileira**, houve um esforço por parte do escritor antirromântico de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas; e uma sede de objetividade que respondeu aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas daquele século.

Considerando o texto acima, bem como elementos gerais dos estilos de época da literatura brasileira, julgue os itens de **85 a 90**.

- 85 O escritor carioca Machado de Assis foi responsável pela reprodução perfeita na literatura brasileira da estética realista europeia, calcada no princípio da fidelidade ao real.

- 86 Ao aludir aos métodos científicos aplicados à arte literária, Alfredo Bosi refere-se à estética naturalista, que trabalha ficcionalmente as relações entre a natureza humana e a iniquidade social.
- 87 João Guimarães Rosa e Clarice Lispector são referência no que concerne à transição de modelos narrativos modernistas para novas fórmulas ficcionais no Brasil.
- 88 Uma das técnicas básicas da literatura pós-modernista, encontrada em diversos textos brasileiros, é a do pastiche, a qual substitui a noção de paródia típica do Modernismo.
- 89 O Parnasianismo, marcado pela impessoalidade e pela objetividade, inclui-se entre as estéticas que se opõem ao Romantismo. No Brasil, o Parnasianismo foi representado especialmente por Olavo Bilac.
- 90 Na historiografia literária brasileira, costuma-se datar o início do Movimento Modernista no Brasil em 1924, quando o romance **Macunaíma**, de Mário de Andrade foi publicado.

1 Quando Chomsky apareceu no cenário intelectual, a linguística – estudo da linguagem, da gramática das diferentes línguas e da história desses idiomas – tinha vivido poucos avanços significativos. Para falar a verdade, dois. O primeiro foi a criação da tradição clássica, originada no mundo grego, que perdurou até o final do século XIX. O segundo salto foi o estruturalismo, criado pelo suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913).

Na visão clássica, estudava-se uma língua só por meio dos textos escritos. Os linguistas rastreavam registros escritos, desde as línguas antigas (latim, grego, aramaico) até alcançar o presente. Esse tipo de abordagem exigia estudiosos que dominassem diversas línguas, fazendo descrições de cada caso. Havia pouca capacidade de generalização, ou seja, de transpor o conhecimento acumulado sobre uma língua para outra língua. Era uma abordagem enciclopédica, que considerava os registros escritos como o ponto alto de um idioma.

Saussure inovou, comparando o aprendizado de uma língua a um jogo de xadrez: em uma partida em curso, qualquer pessoa pode tomar o lugar de um dos jogadores, porque as regras do jogo são poucas e bem conhecidas; por isso, não importa muito saber como o cavalo foi parar ali, ou como a torre foi perdida; o que vale é saber que, dada a situação das peças e conhecidas as regras, a partida pode seguir, agora manejada por alguém que chegou depois do início. Assim é o aprendizado da língua, disse ele: ninguém tem de, obrigatoriamente, saber a história da língua para falá-la e escrevê-la aqui e agora.

Foi um golpe certeiro. O estruturalismo, como ficou conhecida essa modalidade de estudo da língua, foi tão bem recebido que se expandiu para outras áreas (a antropologia, por exemplo). Para os adeptos dessa visão, estudar uma língua é realçar as estruturas que a compõem e descrevê-las, sem ligar para a história que a trouxe do mundo primitivo até o presente. Estava aberto o caminho para uma abordagem científica da linguagem, porque não se tratava mais de caçar o certo e o errado, mas de tomar a língua como um objeto. Com isso, caía por terra a suposta superioridade de uma língua sobre outra.

Internet: <<http://super.abril.com.br>> (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas do texto acima, julgue os itens de **91 a 95**.

- 91 Na linha 3, a expressão “desses idiomas” retoma, por coesão, o referente “diferentes línguas” (l.2-3).

- 92 Infere-se do texto que, antes do estruturalismo, acreditava-se que algumas línguas eram inferiores a outras.
- 93 Depreende-se do texto que, do ponto de vista do estruturalismo, ter domínio da história de uma língua é condição suficiente para compreender o funcionamento dessa língua.
- 94 Na linha 6, o termo “que” poderia ser substituído por “o qual”, visto que se trata de pronome relativo referente ao mundo grego.
- 95 No terceiro parágrafo, menciona-se a metáfora do jogo de xadrez, que Saussure utilizou para demonstrar sua concepção de como ocorre o aprendizado de uma língua.

1 A língua indígena mais conhecida dos brasileiros — conquanto esse conhecimento se limite, em regra, só a um de seus nomes, tupi — é justamente o tupinambá. Essa foi a língua
4 predominante nos contatos entre portugueses e indígenas nos séculos XVI e XVII e tornou-se a língua da expansão bandeirante no sul e da ocupação da Amazônia norte. Seu uso
7 pela população luso-brasileira, tanto no norte quanto no sul da Colônia, era tão geral, no século XVIII, que o governo português chegou a baixar decretos (cartas régias) proibindo
10 esse uso. Uma das consequências da prolongada convivência do tupinambá com o português foi a incorporação a este último de considerável número de palavras daquele. É notável a
13 quantidade de lugares com nomes de origem tupinambá, quase sem alteração de pronúncia, muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca
16 viveram índios tupinambás.

Aryon Dall'Igna Rodrigues. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002 (com adaptações).

No que se refere à organização, aos sentidos e a aspectos gramaticais do texto acima, julgue os próximos itens.

- 96 Infere-se do texto que o contato entre as línguas portuguesa e tupinambá resultou em forte influência de topônimos do português nessa língua indígena.
- 97 Mantendo-se a correção gramatical e os sentidos do texto, a oração “onde nunca viveram índios tupinambás” (ℓ.15-16) poderia ser reescrita da seguinte forma: onde os tupinambás nunca viveram.
- 98 A conjunção “conquanto” (ℓ.2) introduz uma oração em que se admite um fato contrário e subordinado ao fato afirmado na oração principal.
- 99 Da leitura do texto infere-se que o termo “tupi” (ℓ.3) é empregado, popularmente, como sinônimo de “tupinambá” (ℓ.3).
- 100 Da inclusão do termo “cartas régias” (ℓ.9), entre parênteses, logo após “decretos” depreende-se que o governo português não só baixou decretos, mas também essas cartas para proibir o uso do tupinambá.

1 Há uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que eles vão deixando em sua produção linguística. Portugueses e brasileiros não falam do
4 mesmo jeito. Brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul tampouco falam exatamente do mesmo jeito. Uma língua natural contém, portanto, diferentes dialetos,
7 relacionados ao espaço geográfico que ela ocupa.

De todas as variedades do português, a variedade geográfica é a mais perceptível. Quando começamos a
10 conversar com alguém, logo percebemos se ele é ou não originário de nossa região.

Ataliba T. de Castilho. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 198 (com adaptações).

Julgue os itens que se seguem, relativos a aspectos textuais, gramaticais e estilísticos do texto acima.

- 101 No período “Uma língua natural contém, portanto, diferentes dialetos, relacionados ao espaço geográfico que ela ocupa” (ℓ.6-7), estabelecem-se, entre outras, as seguintes relações: de concordância entre “relacionados” e “dialetos”; de regência entre “ao espaço” e “relacionados”; de referência entre “ela” e “língua natural”.
- 102 Contribuem para a coerência textual os seguintes fatores identificados no texto: a continuidade de sentido das frases e o encadeamento lógico das ideias apresentadas.
- 103 O elemento de coesão textual “portanto” (ℓ.6) estabelece, no contexto em que ocorre, relação de sentido temporal entre as ideias expressas nos períodos anteriores e no período em que ele se insere.
- 104 Considerando-se as características dos enunciados, o modo como estes se organizam e a obra em que se insere o texto, é correto caracterizá-lo como informativo e didático, com linguagem adequada à compreensão do público em geral.
- 105 Identifica-se, no texto, a seguinte forma de ordenação das ideias: apresentação, em primeiro lugar, dos dialetos brasileiros, relacionados às diferentes regiões onde é falada a língua portuguesa; e depois, a demonstração de que portugueses e brasileiros falam de modo diferente.
- 106 O verbo auxiliar **começar**, em “começamos a conversar” (ℓ.9-10), acrescenta ao significado do verbo principal a ideia de início de ação.

Texto para os itens de 107 a 116

1 À medida que os meses passavam, foi tomando horror
à expressão “funcionário público aposentado”, que lhe cheirava
a atestado de óbito.

4 Ia dar início a profundas modificações em sua pessoa.
Começaria pelos trajes: roupa clara, moderna, não mais aqueles
ternos escuros cobrindo a eventual austeridade. Seu físico de
7 homem empinado e enxuto não parecia de todo desagradável.
Entraria como sócio para algum clube; e, se encontrasse um
professor discreto, talvez aprendesse a dançar.

10 Essas providências seriam a sua *toalete* exterior para
a nova fase da vida.

13 Semanas depois, aliviado do colarinho duro, era visto
pelas ruas em trajes mais leves, sorrindo forçado para os
conhecidos.

16 Tornou-se sócio de um clube da Lagoa. Sozinho,
porém, nunca punha os pés lá, até que um dia se fez
acompanhar pelo Lulu, bom atleta e péssimo funcionário, que
o apresentara como “velho servidor do Estado” às principais
19 beldades do bairro. Como dialogar com elas? Não conhecia
futebol nem equitação, não sabia jogar baralho, não guardava
nomes de artistas de cinema, ignorava os escândalos da
22 sociedade.

Tentou manter conversa, não conseguiu. Parecia-lhe
que zombavam dele. Se algumas moças lhe dirigiam a palavra
25 era como se lhe atirassem esmola. Acabou a noite só e triste,
agarrado ao seu copo de uísque. Quase nunca provava essa
bebida; achava-a até ruim. Como fazia parte do rito social, não
28 custava virar o copo. Deixou o Lulu com as moças, e saiu
fazendo uma careta. “Velho servidor do Estado...”

O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa
31 o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de
uma amendoeira. Sentiu-se mais só. A vida era para os outros.
Antes tivesse algum processo a informar; estaria ocupado em
34 alguma cousa. Não! Um começo de soluço contraiu-lhe a
garganta. Chamou um táxi.

Aníbal Machado. *Viagem aos seios de Duffia. In: Os cem melhores contos
brasileiros do século.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 111 (com adaptações).

Julgue os itens de **107 a 116**, referentes aos recursos linguísticos e estilísticos empregados no texto.

107 O desenvolvimento da narrativa permite que se estabeleça correlação entre as frases de sentido negativo empregadas no período “Não conhecia futebol... escândalos da sociedade” (ℓ.19-22) e o estado de ânimo em que se encontrava o personagem diante das moças no clube: inseguro, pouco confiante, amesquinhado.

108 Na locução “foi tomando” (ℓ.1), constituída por forma verbal auxiliar seguida de verbo no gerúndio, percebe-se a ideia de progressividade, de modo que se entende “foi tomando horror” como um processo que se estendeu no tempo, sem ter-se concluído em determinado momento.

109 A forma verbal “cheirava” (ℓ.2), no contexto em que foi empregada, com a regência de verbo transitivo indireto seguido da preposição “a”, exprime o sentido de **exalar mau cheiro**.

110 Caso se substituísse “aprendesse” (ℓ.9) por **aprendera**, estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto, ainda que tal substituição implicasse a alteração da perspectiva temporal dos fatos apresentados no período.

111 O trecho ‘Velho servidor do Estado...’ (ℓ.29) confere ao texto tom irônico, por meio do qual o narrador censura o fato de o personagem não ter tido sucesso em sua ida ao clube.

Com referência a palavras e expressões empregadas no texto, julgue os próximos itens.

112 De acordo com a prescrição gramatical, o emprego de verbos flexionados na terceira pessoa do plural constitui forma de se indeterminar o sujeito da oração, à semelhança do que ocorre em “que zombavam dele” (ℓ.22), oração cujo sujeito é indeterminado.

113 A correção gramatical e as ideias do quarto parágrafo do texto seriam mantidas caso o período fosse assim pontuado: Semanas depois aliviado do colarinho duro, era visto pelas ruas, em trajes mais leves sorrindo forçado para os desconhecidos.

114 O termo “velho” (ℓ.18) constitui exemplo de adjetivo cujo sentido é alterado conforme a posição em relação ao substantivo que modifica no sintagma — velho servidor / servidor velho.

115 Sem desrespeito às normas de colocação pronominal, pode-se empregar o pronome “se”, em “um dia se fez acompanhar” (ℓ.16-17), posposto à primeira forma verbal — **um dia fez-se acompanhar** — e, em “Um casal abraçava-se” (ℓ.31), empregá-lo anteposto ao verbo — **Um casal se abraçava**.

116 No vocábulo “zombavam” (ℓ.24), além do radical **zomb-**, identificam-se o morfema temático de primeira conjugação **a** e o morfema modo-temporal **-vam**.

Período 1 À medida que os meses passavam, foi tomando horror à expressão “funcionário público aposentado”, que lhe cheirava a atestado de óbito.

Período 2 Não conhecia futebol nem equitação, não sabia jogar baralho, não guardava nomes de artistas de cinema, ignorava os escândalos da sociedade.

Período 3 Parecia-lhe que zombavam dele.

Idem, ibidem.

Com referência à sintaxe dos períodos acima enumerados, julgue os itens que se seguem.

117 O período 2 é constituído de orações subordinadas justapostas, isto é, ligadas umas às outras sem a presença de conjunção.

118 No período 1, as orações “À medida que os meses passavam” e “que lhe cheirava a atestado de óbito” são orações subordinadas que exercem, respectivamente, função adverbial e adjetiva.

119 No período 1, o termo “que”, na oração “que lhe cheirava a atestado de óbito”, classificado como pronome relativo, pode ser substituído por **o qual**, sem prejuízo à correção gramatical do período.

120 No período 3, o período é constituído de duas orações, exercendo a segunda oração — “que zombavam dele” — a função sintática de sujeito da primeira.

PROVA DISCURSIVA

- Nesta prova, faça o que se pede, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a **FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA**, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.
- Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.
- Na **folha de texto definitivo**, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Texto I

A leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido. Nesse processo, autor e leitor devem ser vistos como "estrategistas" na interação pela linguagem.

Ingedore V. Koch e Vanda M. Elias. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 7 (com adaptações).

Texto II

Ao lermos um texto, é estabelecido um diálogo entre tudo o que sabemos e aquilo que o texto traz de novo. Durante a leitura, testamos hipóteses, refazemos algumas, confirmamos outras. Nessa contínua troca entre o que trazemos na cabeça, as hipóteses que fazemos e os dados que o texto fornece, vamos atribuindo um significado ao que lemos.

Em outras palavras, ler não é adivinhar nem decifrar significados, e sim atribuir significados àquilo que se lê. Ler é ter uma hipótese inicial para a significação do texto. É por isso que diferentes leitores podem atribuir significados diversos para um mesmo texto que estejam lendo.

Ofício de professor: **aprender mais para ensinar melhor**. 3. Leitura e escrita. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2002, p. 43 (com adaptações).

TEXTO III

Quem escreve um texto literário não quer apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de forma que, nele, importa não só o que se diz, mas também o modo como se diz.

Platão e Fiorin. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1997, p. 361.

Considerando que os fragmentos de texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo acerca do seguinte tema.

ASPECTOS IMPLICADOS NA PRODUÇÃO, NA COMPREENSÃO E NA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS

Ao elaborar seu texto, discorra, necessariamente, sobre pelo menos **um**

- ▶ aspecto textual/literário com relação ao autor;
- ▶ aspecto textual/literário com relação ao leitor;
- ▶ aspecto textual/literário com relação ao texto.

RASCUNHO

| | |
|----|--|
| 1 | |
| 2 | |
| 3 | |
| 4 | |
| 5 | |
| 6 | |
| 7 | |
| 8 | |
| 9 | |
| 10 | |
| 11 | |
| 12 | |
| 13 | |
| 14 | |
| 15 | |
| 16 | |
| 17 | |
| 18 | |
| 19 | |
| 20 | |
| 21 | |
| 22 | |
| 23 | |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |